

Cláudia Andrade

Por Erlei Gobi

Iluminação e ambientes corporativos



Divulgação

CLÁUDIA ANDRADE, ARQUITETA PELA FAU BENNETT-RJ E DOUTORA PELA FAU-USP, É TITULAR DO ESCRITÓRIO ANDRADE AZEVEDO Arquitetura Corporativa e uma referência em projetos para ambientes corporativos. Nesta entrevista exclusiva, fala sobre o desafio de desenvolver o novo escritório da Philips do Brasil, da parceria com Gilberto Franco e Carlos Fortes, e da importância da iluminação e da contratação de lighting designers para projetos em escritórios corporativos. Trata também dos aspectos primordiais que devem ser considerados no desenvolvimento deste tipo de projeto e da certificação LEED.

Professora e colaboradora do MBA de gerenciamento de Facilidades da Escola Politécnica da USP, já atuou como arquiteta e coordenadora de projetos nos escritórios Severiano Mario Porto, A&A Arquitetos Associados e Mayhoffer e Toledo, além de ter sido gerente de projetos Brasil no Banco Nacional.

Cláudia Andrade também é autora do livro “A História do Ambiente de Trabalho em Edifícios de Escritórios: um século de transformações”, lançado em 2007; sócia fundadora da Abrafac (Associação Brasileira de Facilities); participante do IBPE (Internacional Building Performance Evaluation Project); membro do conselho editorial da revista Facilities (Inglaterra) e coautora do livro “Assessing Building Performance”, publicado pela editora Elsevier, na Inglaterra.

A iluminação é um componente fundamental nos escritórios, pois é ela que vai gerar uma atmosfera diferente em cada ambiente. Não adianta nada projetar uma sala de reunião sem uma iluminação que suporte a atividade a ser desenvolvida no espaço.

Lume Arquitetura: *Quais os aspectos primordiais que devem ser considerados no desenvolvimento de projetos para ambientes corporativos?*

Cláudia Andrade: O aspecto primordial é entender a empresa. Se você fizer essa pergunta para qualquer arquiteto a resposta será a mesma. Mas quando falo em entender a companhia, não é entender por entender, é compreender sua profundidade: o negócio, as atividades ali desenvolvidas, as pessoas que utilizam o espaço, a dinâmica do espaço, a organização do trabalho, sua cultura, etc.

Todos estes aspectos permitem ao arquiteto ter um raio-X do escritório, mas o “pulo do gato” é saber o que fazer com isso; é dessa forma que se consegue um bom projeto. Você pode ter uma montanha de dados, mas se não souber analisá-los e extrair deles resultados que vão refletir no projeto, não adianta nada.

Eu costumo dizer que arquitetura é igual medicina. Quando você vai ao médico, ele faz a anamnese. Pergunta o que você tem, quais remédios toma, se já fez cirurgias, pede exames e só depois vai dar um diagnóstico e a solução para seu problema. Também é dessa maneira que trabalha um bom arquiteto; você colhe muitos dados, porque o ambiente de trabalho é de grande complexidade, os analisa e consolida para ter um diagnóstico e conseguir enxergar claramente qual a melhor solução a utilizar.

Para encontrar a melhor solução é preciso ter conhecimento, e, no Brasil, a área de arquitetura pesquisa muito pouco. Com pesquisa se gera conhecimento,

inovação, diferencial competitivo e, conseqüentemente, retorno financeiro. Só com pesquisa é possível entender como as empresas estão atuando no mercado global, quais suas necessidades neste ambiente competitivo, como é a dinâmica do trabalho e responder à altura qual o tipo de ambiente que elas necessitam. Portanto, temos que olhar para frente.

Lume Arquitetura: *Pode-se dizer, então, que cada projeto é único, ainda que seja realizado em um mesmo edifício ou em empresas do mesmo ramo de atividade?*

Cláudia Andrade: Com certeza; cada projeto é um projeto. Um cliente do nosso escritório perguntou se eu faria o projeto dele igual ao da Philips e eu respondi que não. Disse que seria um projeto nos moldes da empresa dele, porque a Philips é a Philips, e que o projeto realizado nessa empresa poderia ser muito mais legal do que o da Philips.

O desafio é sempre fazer um projeto melhor, porque não tem receita de bolo; cada caso é um caso e temos que saber propor a melhor solução de acordo com a necessidade de cada uma.

Lume Arquitetura: *O que é preciso para criar um bom ambiente de trabalho em um escritório?*

Cláudia Andrade: Esta é uma boa pergunta [risos]. Nas companhias existem três áreas de suporte: tecnologia da informação, que abrange toda a área de equipamentos; recursos humanos, que cuida do capital intelectual; e recursos físicos, responsável pelo espaço onde

as pessoas vão atuar. Pressupõe-se que estas áreas precisam andar juntas, pois hoje elas são consideradas fatores chave de sucesso e produtividade.

Para gerar produtividade efetiva é preciso investir de maneira integrada nesses três pilares da organização. Porém, é muito natural ver darem mais atenção a capacitação de pessoas e a tecnologia, deixando para trás o espaço físico. Somente agora estão começando a se preocupar com esta área.

Para uma empresa funcionar bem, as três áreas precisam estar integradas. Não adianta ter tecnologia sem capacitação humana que consiga manuseá-la e um espaço físico adequado para sua implantação. Sem a integração dessas três áreas não há efetivamente um ambiente de trabalho para dar suporte ao crescimento das empresas.

Lume Arquitetura: *Nas últimas décadas, o avanço da tecnologia modificou a maneira de trabalhar nos escritórios. Os computadores e celulares diminuíram e a mobilidade aumentou, por exemplo. Como a arquitetura para ambientes corporativos se adequou a essas mudanças?*

Cláudia Andrade: As companhias ainda trabalham com dois sistemas. Na Philips, por exemplo, há o cabeamento estruturado e o sistema wireless. A nanotecnologia mudou os equipamentos; os monitores são mais finos, as CPUs menores, agora temos os laptops, mas eu costumo sempre dizer que “a tecnologia da informação mudou, mas o equipamento humano não”. A interface homem-tecnologia é de



Novo escritório da Philips do Brasil é composto por diversos ambientes projetados para diferentes atividades.

uma complexidade enorme; não é porque o monitor reduziu que temos que reduzir a profundidade de campo da mesa de trabalho. O olho humano continua o mesmo. Então, é preciso uma distância do olho até a tela, que é maior ou igual a 45 centímetros e menor ou igual a um metro, dependendo da idade da pessoa.

O requerimento humano é o mesmo, o que mudou foi o equipamento. Temos que tomar muito cuidado, pois a tendência é achar que não é mais preciso uma mesa com profundidade de 80 centímetros já que o monitor possui 15 centímetros de espessura. Peraí! É preciso ter a distância adequada para que a pessoa possa trabalhar com conforto.

O mesmo ocorre com os laptops. São cada vez menores, mas ninguém consegue trabalhar muito tempo com eles; é preciso acoplá-los ao monitor. Para isso é necessário um espaço para o laptop e um para o monitor, dentro de um campo de visão confortável. Se houver uma profundidade pequena da mesa e for preciso colocar o monitor para o lado, a pessoa ficará o dia todo “torta” e irá desenvolver algum sintoma de problema funcional. Mesmo com a nanotecnologia, é preciso pensar na interface.

Lume Arquitetura: *A iluminação foi um agente destas transformações ou acabou se adaptando a nova maneira de projetar estes espaços?*

Cláudia Andrade: As duas coisas. É óbvio que se muda a dinâmica de trabalho, também se muda os requerimentos. O ambiente de trabalho do século XX era pautado no ambiente fabril, com grandes espaços abertos e uma iluminação homogênea e uniformemente distribuída; nossa legislação até hoje fala deste tipo de iluminação.

Hoje há dois aspectos que reforçam muito a importância da iluminação no ambiente de trabalho. O primeiro é o entendimento de que a iluminação impacta em nosso metabolismo; é comprovado que o organismo humano precisa da luz para regular seu ciclo circadiano. A tecnologia traz para dentro do ambiente de trabalho uma iluminação artificial que simula essa variação de luz ao longo do dia como na natureza.

O segundo ponto diz respeito às diversas atividades que realizamos em nossa jornada de trabalho com diferentes características. Portanto, é preciso entender que o escritório hoje não pode ter mais aquele modelo utilizado no século passado, deve ser composto de diversos ambientes que serão utilizados em diferentes atividades; isso gera uma complexidade muito maior nos requerimentos relacionados à iluminação.

Lume Arquitetura: *Qual a importância da iluminação nos projetos de ambientes corporativos?*

Cláudia Andrade: A iluminação é um componente fundamental nos escritórios, pois é ela que vai gerar uma atmosfera diferente em cada ambiente. Não adianta nada projetar uma sala de reunião sem uma iluminação que suporte a atividade a ser desenvolvida no espaço. A riqueza do ambiente passa pela riqueza da iluminação.

Se há diversos ambientes, que irão suportar diferentes atividades, é preciso saber quais são elas para dimensionar, mobiliar, iluminar, decorar e ventilar de acordo com suas necessidades. Neste contexto, a iluminação tem um aspecto extremamente importante. Não haverá apenas um único tipo de iluminação no ambiente de trabalho, serão pensados diversos tipos de acordo com o ambiente. É pensar o escritório como se pensa na nossa casa: a sala é dimensionada, mobiliada e iluminada para exercer uma atividade social familiar, já o quarto, a cozinha e o banheiro são pensados para a atividade realizada neles.

Lume Arquitetura: *O modelo de edifícios sustentáveis vem ganhando muito espaço no mercado. Este é o futuro das edificações?*

Cláudia Andrade: Até o início da década de 30, os edifícios eram dependentes do meio ambiente. O sistema de iluminação era extremamente precário, com incandescentes de baixa durabilidade e



Sala de reunião do novo escritório da Philips do Brasil contempla também a utilização de luz natural.

eficiência, cujos filamentos tremiam muito e comprometiam a acuidade visual. Ou seja, era tudo ruim. Até aquele momento, os edifícios eram dependentes da iluminação natural. Eles eram pensados de dentro para fora, mais estreitos, com janelas verticalizadas para ter mais acesso à luz do dia, geralmente eram mais retangulares para ter ventilação cruzada. Portanto, a arquitetura refletia esta dependência do meio externo.

Para esquentar os ambientes, por exemplo, era preciso utilizar alvenaria mais grossa na fachada. Nos países frios, as paredes eram pintadas com piche e uma madeira era colocada cerca de 20 centímetros à frente para criar um vão e reter o calor. Durante o dia, o calor ficava retido nesse vão, o piche fazia a parede absorver esse calor e, à noite, o ambiente ficava aquecido.

Com o surgimento da iluminação artificial, da ventilação mecânica, e o avanço da tecnologia da construção, que permitiu projetar grandes edifícios e lajes maiores, é que a arquitetura se voltou totalmente pra dentro e passou a ser concebida negligenciando totalmente o meio ambiente.

Do ponto de vista histórico, nos últimos oitenta anos tivemos um grande estrago no meio ambiente. Porém, felizmente, no final da década de 80, com o surgimento do edifício inteligente, os alemães perceberam o impacto das

ações do ser humano no meio ambiente e foram para o lado da arquitetura verde. A Alemanha e os países nórdicos da Europa entenderam que tínhamos uma tecnologia que permitia utilizar o melhor do meio ambiente dentro do edifício construído.

Na verdade, a arquitetura verde não é um movimento novo, é um resgate daquela arquitetura dependente do meio ambiente. Havia ali uma sinergia que era benéfica para ambos. O edifício era construído utilizando os recursos do meio ambiente sem afetar a natureza.

Lume Arquitetura: *A certificação LEED mudará a maneira de projetar ambientes corporativos?*

Cláudia Andrade: O LEED é muito benevolente, porque mesmo que você não siga determinados requerimentos que são importantes, ainda assim consegue a certificação. Existem as categorias Silver, Gold e Platinum, mas a certificação básica é possível conseguir mesmo não seguindo alguns requerimentos primordiais, como economia de água. Existe uma crítica muito grande em relação a este sistema de certificar em níveis. Por outro lado, o LEED é um início, mas não pode parar aí; em algum momento esta certificação tem que se tornar mais rígida.

O LEED é importante, um divisor de águas, ainda mais quando começa a ser visto como um diferencial de mercado. Se eu invisto um pouco mais na construção

do edifício, mas ganho uma certificação que faz com que as empresas almejem vir para meu prédio, tenho um valor de negócio muito maior.

O LEED precisa se tornar mais rígido para mudar a tipologia dos edifícios. Hoje o LEED influencia muito menos nisso do que outros sistemas. Existe, nos países nórdicos da Europa, a Lei do Direito a Luz (Right to Light), determinando, entre outras coisas, que uma pessoa não pode trabalhar a uma distância maior que nove metros da janela; dependendo do país, esta distância cai para 6 metros. O que isso significa? Se todas as pessoas de uma empresa têm de estar perto da janela, isso mudará a maneira de construir um edifício. Não poderemos mais projetar lajes enormes, onde pessoas ficam a mais de 20 metros da janela. Isso sim muda a tipologia dos edifícios, mas o LEED não fala nada sobre isso.

Lume Arquitetura: *Pode-se dizer então que esta é a tendência daqui para frente?*

Cláudia Andrade: Sem dúvida nenhuma. É como comparar a preocupação que havia no Brasil com as normas de Corpo de Bombeiros na década de 70: nenhuma. Só no início dos anos 80, com os incêndios do edifício Joelma, do Center 3 e do Conjunto Nacional é que começaram a dar importância para as normas. Hoje, quando projetamos um edifício, temos que estar comprometidos com elas.

Temos que pensar nos requerimentos de sustentabilidade da mesma forma. Quando faço projetos, penso nos requerimentos do LEED, pois se amanhã meu cliente quiser retirar o certificado, o escritório dele já estará preparado pra isso. Porém, não estou pensando só nisso, mas sim no bem-estar das pessoas e na responsabilidade como profissional da área. Um edifício precisa ser de alto desempenho em termos de segurança, de funcionalidade, de mobilidade e de sustentabilidade.

Lume Arquitetura: *A evolução dos LEDs alterou a forma de realizar os projetos para ambientes corporativos?*

Cláudia Andrade: Eu acho que a tecnologia é muito nova ainda. O LED é caro, e como o perfil dos projetos de interiores no Brasil é muito voltado para custos, confesso que não tenho muitos exemplos de escritórios com LED para dizer se houve um grande diferencial.

Lume Arquitetura: *Você sempre contrata um lighting designer para fazer iluminação de seus projetos?*

Cláudia Andrade: Na grande maioria das vezes contratamos lighting designers para realizar os projetos. Em algumas situações particulares, normalmente para pequenos escritórios, passamos para empresas como Philips, Itaim ou Omega, por exemplo. Às vezes, quando percebemos que o cliente não vê valor nisso, nós incorporamos os valores no nosso projeto; ele nem sabe que estamos contratando um lighting designer, só avisamos depois.

Lume Arquitetura: *Então você considera essencial a contratação de um lighting designer?*

Cláudia Andrade: Com certeza. Não é nossa especialidade, e é de grande complexidade. Grande parte dos ambientes de trabalho hoje tem iluminação cenográfica. Na realidade, a luz e a cor

trazem elementos que estimulam as pessoas, então temos que ter especialistas tratando deste assunto. Seria leviano eu achar que conseguiria iluminar um ambiente com qualidade.

Lume Arquitetura: *Quais os lighting designers que você destaca no Brasil e no exterior?*

Cláudia Andrade: Eu trabalho muito com o Gilberto Franco e o Carlos Fortes; eles são os lighting designers com quem eu mais atuo, pois são muito competentes. Já fiz alguns trabalhos com a Esther Stiller, uma grande especialista na área. Gostaria de trabalhar com a Neide Senzi, ouço muito falar dela, mas nossos destinos ainda não se cruzaram. Também nunca fiz nada com o Guinter Parschalk, mas sei de sua competência e quero um dia poder trabalhar com ele. Lá fora, conheci o trabalho do Bartenbach Lichtlabor; os profissionais são maravilhosos. Fiquei de queixo caído com o trabalho deles.

Lume Arquitetura: *Foi um grande desafio projetar o escritório da Philips do Brasil?*

Cláudia Andrade: Eu costumo dizer que o projeto do escritório da Philips já nasceu fadado ao sucesso. O time todo casou muito bem, tanto o time estratégico – a área de recursos prediais, de recursos humanos e de tecnologia da informação, quanto os consultores e projetistas que trabalharam. Isso foi muito gostoso.

O Gilberto Franco e o Carlos Fortes eu conheço há muito tempo, e eles não fazem o que eu quero; eu passo a bola e espero que eles joguem junto comigo, isso faz toda a diferença. Na Philips, as soluções foram propostas por eles. Discutimos como seria o forro, a altura, a forma, os materiais, então houve uma grande sinergia e uma grande liberdade para propor soluções. O Gilberto me passava as soluções, eu mandava ele

mudar aqui, ele falava pra eu mexer ali e chegamos a um denominador comum. O processo criativo em arquitetura fica mais rico quando atuamos desta forma, cada um coloca sua especialidade junto com sua criatividade.

Lume Arquitetura: *Quais os lados positivos e negativos do conceito Workplace Innovation desenvolvido no escritório da Philips?*

Cláudia Andrade: Ponto negativo não existe [brinca]. Tem coisas que precisam ser melhoradas. Como em qualquer novo conceito, ele tem um tempo de adaptação e precisa de uns ajustes que já estamos fazendo. Estamos recebendo um feedback dos usuários, como alguns locais que precisavam de mais salas de reunião ou tipologia diferente; é natural isso acontecer.

Um dos pontos positivos do conceito é que ele é um conceito de negócios. O espaço suporta a dinâmica da organização e do trabalho, e isso é fantástico. O nível de ruído de implantação da Philips foi muito menor do que qualquer outra implantação de escritório tradicional que já fizemos.

Foi um grande desafio, porque não estávamos mudando só um conceito, estávamos mudando uma empresa de lugar; a empresa estava saindo da Rua Verbo Divino, em São Paulo, e indo para Alphaville, em Barueri. Esses eram dois vetores que poderiam ser motivos de insucesso do processo, mas não foram porque a dinâmica do trabalho mudou.

O espaço como estava antes, atravancava as pessoas de trabalhar melhor, de ser mais criativas, de ter mais estímulo e de inovar. Hoje, eles têm uma plataforma física de trabalho onde podem exercer suas funções com plenitude. Não tem porque não ser bom, é um ambiente extremamente agradável, confortável, instigante e inovador. Neste novo conceito você perde a mesa de trabalho, mas ganha todo o escritório. ◀